

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**SAMANTA BARBOSA BERGMAM**

**SOB O OLHO DELE; SOBRE OS CORPOS DE *QUEM?* A LINGUAGEM DE  
OPRESSÃO E INSURREIÇÃO EM *O CONTO DA AIA* NA PERSPECTIVA DOS  
ESTUDOS DE GÊNERO**

**Bagé - RS**

**2022**

**SAMANTA BARBOSA BERGMAM**

**SOB O OLHO DELE; SOBRE OS CORPOS DE *QUEM*? A LINGUAGEM DE  
OPRESSÃO E INSURREIÇÃO EM *O CONTO DA AIA* NA PERSPECTIVA DOS  
ESTUDOS DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Letras -  
Português e Literaturas de Língua  
Portuguesa da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciada em  
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Denise  
Kelm

Coorientadora: Profa. Dra. Fabiane  
Lazzaris

**Bagé - RS**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

B499s Bergman, Samanta Barbosa

Sob o Olho Dele; sobre os corpos de quem? A linguagem de opressão e insurreição em O Conto da Aia na perspectiva dos estudos de gênero. / Samanta Barbosa Bergman.

49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2022.

"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. Autoritarismo. 2. Distopia. 3. Estudos de Gênero. 4. Linguagem. 5. Margaret Atwood. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**SAMANTA BARBOSA BERGMAM**

**SOB O OLHO DELE; SOBRE OS CORPOS DE *QUEM?* A LINGUAGEM DE  
OPRESSÃO E INSURREIÇÃO EM *O CONTO DA AIA* NA PERSPECTIVA DOS  
ESTUDOS DE GÊNERO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua  
Portuguesa da Universidade Federal do Pampa,  
como requisito parcial para obtenção do Título de  
Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 14 de dezembro de  
2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm  
Orientadora  
(Unipampa)

Profa. Dra. Fabiane Lazzaris  
Coorientadora  
(Unipampa)

Prof. Dr. Thiago Santos da Silva  
(Unipampa)

Prof. Dr. Ânderson Martins Pereira  
(IFFAR)



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/01/2023, às 19:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/01/2023, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Ânderson Martins Pereira, Usuário Externo**, em 25/01/2023, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **FABIANE LAZZARIS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/01/2023, às 18:54, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1030715** e o código CRC **C0081F2F**.

À minha avó, que me ensinou de perto o quanto as coisas conseguem ser finitas e, ainda assim, eternas: especialmente as memórias.

## AGRADECIMENTO

À Profa. Dra. Miriam Denise Kelm e à Profa. Dra. Fabiane Lazzaris por terem sido o melhor e maior apoio que eu poderia ter nesse processo: sem vocês nem este trabalho, nem boa parte da minha formação profissional e humana seriam as mesmas. Obrigada por disporem de seu tempo para as orientações, de seu ombro amigo nos momentos difíceis e por compreenderem que enquanto escrevia estas linhas, escrevia também a mim mesma.

Às professoras Lúcia Britto, Zila Goulart, Luisa Hidalgo e Amélia Bastos, bem como ao professor Thiago da Silva, por terem me concedido a honra em ser sua aluna: obrigada por tanto e por partilharem muito mais do que apenas conteúdos teóricos em sala de aula. Obrigada por me instruírem sobre a vida.

Por fim, os agradecimentos especiais. Às minhas duas avós, por me ensinarem a resistir em meio a dureza do mundo, a seguir meus sonhos e a compreender a importância que existe em lutarmos por nossos direitos. E às minhas duas sobrinhas, que me fazem esperar na construção de um presente e um futuro melhor para nós mulheres, revolucionando a minha vida através do afeto: é a existência de vocês que finalmente me fez compreender Mia Couto, quando ele diz que “O mais importante não é a casa onde moramos. Mas onde, em nós, a casa mora.”

“Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer.”

*Conceição Evaristo*



## RESUMO

No presente trabalho de pesquisa, busca-se identificar, analisar e aprofundar a linguagem como forma de opressão e insurreição principalmente na obra *O Conto da Aia* (2017) e, de forma secundária, em *Os Testamentos* (2019), de Margaret Atwood, além de investigar periféricamente outros dois eixos, sendo eles: a opressão de gênero e suas interseccionalidades; e a verossimilhança com a realidade a partir de regimes totalitários, na perspectiva da Literatura Distópica e dos Estudos de Gênero, com o apoio teórico de autores como Michel Foucault, Virginia Woolf, Audre Lorde, Gerda Lerner, Mary Del Priore e Heloísa Buarque de Hollanda, ao concluir que a tensão existente na linguagem permite que ela seja usada tanto como ferramenta de opressão quanto de insurreição, além de se compor mutuamente com a realidade através de valores e crenças; que as relações de opressão conseguem ser complexas e, muitas vezes, interseccionais, a partir de recortes como gênero, raça, classe e, por fim, que *O Conto da Aia* é irrevogavelmente verossímil com a realidade, por ter como base acontecimentos históricos e se concretizar distopicamente no cotidiano social.

Palavras-Chave: Autoritarismo; Distopia; Estudos de Gênero; Linguagem; Margaret Atwood.

## ABSTRACT

In this research we seek to identify, analyze and deepen the language as a form of oppression and insurrection in the works *The Handmaid's Tale* (2017) and *The Testaments* (2019), by Margaret Atwood. In addition, we investigate two axes, namely: gender oppression and its intersectionalities; and the verisimilitude with reality based on totalitarian regimes, from the perspective of Dystopian Literature and Gender Studies, with the theoretical support of authors such as Michel Foucault, Virginia Woolf, Audre Lorde, Gerda Lerner, Mary Del Priore and Heloísa Buarque de Hollanda. In conclusion, the existing tension in language allows it to be used both as a tool of oppression and insurrection, in addition to mutually composing reality through values and beliefs. Furthermore, relations of oppression manage to be complex and, many times, intersectional, based on aspects such as gender, race and class. Finally, *The Handmaid's Tale* is irrevocably credible with reality, as it is based on historical events and on materialized dystopical everyday life.

Keywords: Authoritarianism; Dystopia; Gender Studies; Language; Margaret Atwood.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	EM NOME DO PAI.....	18
3	BENDITO SEJA O FRUTO.....	22
3.1	Aias.....	28
3.2	Esposas.....	30
3.3	Tias.....	33
4	SOB O OLHO DELE.....	34
4.1	Vigilância interpessoal.....	36
4.2	Controle de linguagem.....	37
5	<i>NOLITE TE BASTERDS CARBORUNDORUM</i> .....	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
7	REFERÊNCIAS.....	47

## 1 INTRODUÇÃO

Espero que esse olhar para o passado nos ajude a olhar para o futuro.  
(FRASER, p. 25)

Escrever e ler a si mesmo é um trabalho difícil e que demanda tempo, o tempo de uma vida inteira. E ler não apenas a si, mas aos seus, e não apenas aos seus, mas ao mundo e toda complexidade que ele abarca, é notar que a ficção que se lê, na verdade, é a realidade do cotidiano, seja ele nosso ou de outro alguém. Uma realidade muito indigesta, mas que frutifica na escrita de uma reflexão potente, e a partir disso, consegue ser revolucionária.

Um percurso muito longo iniciou-se antes destas linhas serem traçadas, foi de um ano (2021), a preparação prévia de leituras, tanto básicas quanto complementares, concordantes e discordantes; de pelo menos dois anos (2020 - 2022) a busca por integrar grupos de pesquisa em minha universidade de origem (Universidade Federal do Pampa), a exemplo do Grupo de Estudos Feministas (GEFEM), do Laboratório de Investigação de Textualidades Contemporâneas, do Grupo de Pesquisa em Gênero, Educação e Diferença (TUNA) e também participar de projetos de outras universidades, como *O Mundo que (Des)conhecemos: Examinando as Distopias Pós-Modernas nas Literaturas Anglófonas Contemporâneas* (Universidade Federal de Pelotas), contando com a orientação de mestres e doutores para ampliar horizontes; além dos quatro anos (2018 - 2022) de minha graduação em Língua Portuguesa e Literatura que, a cada oportunidade de eventos, cursos ou rodas de conversas, buscava ser a primeira em me fazer presente. Por esses motivos e inúmeros outros, que de tão complexos tornam-se impossíveis de serem listados apenas nesta escrita, digo que, talvez, mais do que responder, este trabalho compromete-se em questionar. Para somar aos estudos literários, para melhor compreender a importância da linguagem, mas, principalmente, para construir caminhos ativos de transformação social e de impacto coletivo.

Um índice decrescente de natalidade, solos contaminados por substâncias tóxicas e um golpe de Estado: esses são alguns pontos que compõem o cenário do planeta em *O Conto da Aia* (2017) e *Os Testamentos* (2019), de Margaret Atwood. E sob o pretexto de que todas as catástrofes do mundo decorriam da impureza e

degradação moral das pessoas, o regime de Gilead foi instaurado, estabelecendo-se em boa parte do recorte territorial entre Estados Unidos da América e Canadá, ainda que tenha colecionado adeptos ao redor do mundo todo, utilizando-se principalmente de uma forte base religiosa para implementar a nova Constituição que deveria ser seguida.

Ainda sobre essa ligação tênue entre Estado e religião, a obra *História do Direito: perspectivas histórico-constitucionais da relação entre Estado e religião* de Rodrigo Scalquette apresenta trechos muito pertinentes que, apesar de proporem uma análise sócio-histórica, também se encaixam para sintetizar a ideia de como a religiosidade foi manipulada em Gilead, assim como na maior parte dos regimes autoritários que temos conhecimento:

A relação Estado-Religião passa nesse lance com a identificação entre a comunidade política e a comunidade religiosa num só corpo e, por conseguinte, podemos afirmar: quando há o domínio do poder religioso sobre o poder político há o Estado Confessional. Em outras palavras, o Estado é Confessional quando se confunde com uma determinada religião. (SCALQUETTE, 2013, p. 141)

Realizando também mais um destaque sobre o tema, ao se valer de uma citação de Roberto Gallego, Scalquette afirma:

Por todas essas razões, é forçoso reconhecer que mesmo os ditos estados laicos contemporâneos não se mostram isentos de conteúdos religiosos e indemonstráveis sob o prisma empírico. Em seu seio convivem as crenças religiosas enquanto tal e também conteúdos religiosos em roupagem secular. (SCALQUETTE, 2013, p. 125)<sup>1</sup>

E nesses dois romances, essa codependência se torna ainda mais evidente. No primeiro livro (2017) temos a narração de Offred, uma mulher que não tem em momento algum da obra o seu verdadeiro nome revelado e que, por já ter sido mãe e ser considerada fértil, foi capturada pelo regime para compor a casta das Aias. Já no segundo livro (2019) a narração deixa de se tornar “refém” de uma única perspectiva, e agora as páginas são alternadas entre três personagens: Tia Lydia, uma mulher de meia idade que faz parte da casta das Tias e ocupa um dos cargos mais emblemáticos

---

<sup>1</sup> Ler: GALLEGO, Roberto de Almeida. *O Sagrado e a Ágora*. p. 288.

(se não o maior) para uma pessoa com útero em Gilead; na sequência, temos Agnes, uma menina que foi separada ainda muito pequena da mãe biológica (uma Aia), assim que foram capturadas pelo regime, e depois, acaba por ser inserida no Centro Vermelho (uma espécie de internato para meninas “rebeldes” ou “com vocação religiosa”, comandado pelas Tias); e por fim, temos Daisy, uma garota que nasceu no Canadá, fora do regime, mas que vai para Gilead a mando da resistência e é incumbida da missão de arrecadar informações para destruir essa sociedade. Assim, também cabe aqui uma observação sobre o que representa este “Dele”, que está presente no título deste trabalho e, também, que é muito comentado pelas personagens na trama da obra: o *Dele* refere-se à ideia criada sobre uma entidade divina, que tudo vê, tudo sabe e está em todos os lugares. Em nenhum momento esse termo é atribuído a algo que tem o nome de Deus (ou qualquer outra nomenclatura), e ainda assim, por si só, cria a ideia de existir algo superior e intocável. O que proponho, no entanto, é mostrar a contradição dessa lógica: um “Ele” que tudo vê, mas que, aparentemente, pouco faz para impedir que corpos de determinados recortes sociais, ou melhor, de determinadas castas, sejam marginalizados.

Como uma colcha de retalhos, vários trechos, temáticas e apoios teóricos são necessários para formar um todo, que nunca será finito, já que nenhuma construção de conhecimento é, mas que de modo geral direciona para certos caminhos e objetos de estudo, que neste caso serão duas obras distópicas e complementares de um mesmo universo literário. Dito isso, neste Trabalho de Conclusão de Curso, o segundo capítulo tratará de uma breve contextualização sobre o sistema patriarcal como o conhecemos e os recortes de sexo e gênero nos quais se pauta. O terceiro capítulo, procurará abordar como isso se materializa (e é a base) da sociedade retratada na obra analisada, bem como as interseccionalidades de opressão ocorridas em Gilead a partir da hierarquização de castas, especialmente no que se refere às Aias, Esposas e Tias. Já o quarto capítulo irá embasar teoricamente o aspecto de controle da linguagem em sua pluralidade, sobretudo em relação à linguagem corporal, a escrita e o cerceamento da leitura, sendo esses pontos comuns em regimes autoritários tanto na literatura quanto na sociedade em geral. Pertencerá ao quinto capítulo, então, a análise do eixo principal ao qual este trabalho se propõe, ou seja, na relação entre realidade e linguagem e sua mútua cooperação, tratando da linguagem também como um meio de subversão ao sistema autoritário e patriarcal, e não só como ferramenta

de dominância, dentro e fora das obras analisadas. O sexto capítulo, desse modo, será reservado para as considerações finais e para colocar a obra em diálogo com sua característica verossímil à realidade, traçando comparações a fim de questionar até que ponto a distopia já não é o cotidiano de determinado recorte populacional.

Portanto, o mais assustador em *O Conto da Aia* é como a obra tem seu caráter sempre atual, mesmo que sejam 36 anos a separar sua primeira edição (lançada em 1985) de sua última até o momento (publicada em 2021). Sua forma narrativa, seu jogo de palavras na linguagem e na construção das personagens... todos esses são recursos que montam não só o quebra-cabeça literário, mas desvendam muito de nosso complexo quebra-cabeça social, uma vez que, segundo a própria autora, “[...] nada aconteceu ali que já não tivesse acontecido na vida real, em algum lugar e em algum momento [na História humana]”<sup>2</sup>.

Na obra *Utopia/Dystopia: conditions of historical possibility*, escrita por Michael Gordin, Hellen Tilley e Gyan Prakash (2010), podemos entender que a utopia, a distopia e o caos

[...] não são apenas formas de imaginar o futuro (ou o passado), mas também podem ser entendidas como práticas concretas por meio das quais atores historicamente situados buscam reimaginar seu presente e transformá-lo em um futuro plausível. (p. 2, tradução livre)

Ou seja, é uma relação entre a análise de algo e, posteriormente, utilizar a reflexão que resulta disso como uma ferramenta de mudança social.

Sendo assim, para além de refletir sobre qual *futuro* gostaríamos de criar, ao optarmos ou não por um cenário semelhante à Gilead, devemos antes realizar a parte mais difícil: a de identificar que essas e muitas outras problemáticas expostas nas duas obras já compõem o nosso *presente* em vários níveis. E como vimos, só compõem o nosso presente porque, antes, já fizeram parte milenar do nosso *passado*. Digo *nosso* pois, para além do senso individual de mudança, uma estrutura como a que vivemos não foi estabelecida através de pura passividade: foi implementada por vários séculos, causando impacto em todas as vidas que já fizeram, fazem e ainda farão parte desse sistema social. O que inclusive se complementa ao terceiro e último

---

<sup>2</sup> Trecho da entrevista de pré-lançamento do curso de Escrita Criativa promovido pela autora em parceria com a Master Class. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=U\\_d0tlugpSA](https://www.youtube.com/watch?v=U_d0tlugpSA)

eixo de análise deste trabalho, portanto, ao traçar a *verossimilhança*<sup>3</sup> dos títulos abordados com a realidade.

Vamos perceber, ao longo deste trajeto, que Offred repete constantemente o quanto a transição para o regime foi progressiva durante os anos, inclusive mencionando as falas de sua mãe que, diferente dela, buscou ter um papel mais ativo em protestos contra a implementação de leis e atitudes antidemocráticas, no alerta constante de que a humanidade era extremamente flexível e fácil de ser coagida: “A humanidade é tão adaptável, diria minha mãe. *É verdadeiramente espantoso as coisas com que as pessoas conseguem se habituar, desde que existam algumas compensações.*” (ATWOOD, 2017, p. 320, grifo meu).

Então volto ao posicionamento de que “Utopias e distopias são histórias do presente” (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 1), já que ilustram relações concretas de poder em toda sociedade, ao se fundamentarem na lógica do benefício de uns sobre outros – e de “Outros” muito bem definidos, diga-se de passagem, pois

Toda utopia sempre vem com sua distopia implícita – seja a distopia do *status quo*, para o qual a utopia é projetada para abordar, ou uma distopia encontrada no modo como essa utopia específica se corrompe na prática. No entanto, uma distopia não precisa ser exatamente uma utopia invertida. Em um universo submetido para aumentar a entropia, descobre-se que existem muitas outras maneiras de planejar dar errado do que dar certo, mais maneiras de gerar distopia do que utopia. E, crucialmente, a distopia – precisamente porque é muito mais comum – carrega a aspecto da experiência vivida.” (GORDIN; TILLEY; PRAKASH, 2010, p. 2)

Por isso, diferentemente do que muito se acredita, o cotidiano e a existência de pessoas que constituem certos recortes já são distópicos; para além de páginas categorizadas como ficção, a dinâmica utópico-distópica tende a se assemelhar muito mais com a crua realidade, do que apenas com o uso de estratégias literárias a fim de embasar uma “sociedade imaginária pessimista”, que tem como único objetivo a criação de um alerta sobre o *futuro*. No entanto – e felizmente – novos questionamentos têm surgido nas últimas décadas, em especial sobre qual seria o lugar de pertencimento dos estudos distópicos, colocando em pauta que talvez o

---

<sup>3</sup> Diz-se do que se assemelha à verdade, ou que tem aspectos verdadeiros. Ler: ARISTÓTELES. *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução de Ana Maria Valente. 3ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.



estranhamento e o senso de urgência causado por tais leituras, não seja simplesmente um alerta sobre algo distante, e sim, o escancarar de algo *presente* (e recorrente) na História. O noticiário assistido todos os dias, as redes sociais consumidas a cada milésimo de segundo, as ideias vendidas pelos produtos de beleza... a suspensão de direitos, a desumanização constante e a subjugação da própria existência. Os preconceitos, a marginalização e os corpos que não voltam para casa, mas que são encontrados na manhã seguinte (quando não desaparecidos). Todos esses e muitos outros são meios e fatos que ocorrem todos os dias: consumidos freneticamente, baleados violentamente e presentificados distopicamente.

Realizar a análise dessas duas obras que me são tão caras e íntimas, especialmente sob o prisma que pretendo propor é, para além dos estudos teóricos, um grito a ser ecoado. É a tentativa de chamar a atenção para uma realidade distópica que várias pessoas vivem cotidianamente e que eu mesma, enquanto pessoa, também já vivenciei e vivencio, ao nascer com um útero em uma sociedade misógina, com um histórico familiar cerceado por uma religiosidade extrema (e extremista), e posteriormente, compreendendo-me como uma pessoa LGBTQIAP+ que desde muito cedo não performa a feminilidade – e a subalternidade – que me foi imposta. Além de ter experimentado durante décadas o amargor que Becka, Offred e várias outras personagens (da “ficção” e da “vida real”) já experimentaram: o amargor do silêncio, frente à um abuso sexual em que fui vítima na infância, e que fez com que eu passasse anos em busca de me reerguer, reconhecer e reencontrar a voz que um dia já acreditei ter perdido. Ou melhor, que um dia já tentaram roubar e silenciar, mas que hoje se mostra potente, não só através de mim, mas também através do que busco contribuir enquanto pesquisadora. Portanto, proponho não uma análise longínqua e ficcional. Ao contrário, escancaro um diálogo profundo e árduo com minha própria *Escrevivência*<sup>4</sup>, para que, no melhor dos resultados, as palavras aqui expostas também dialoguem com a *Escrevivência* de quem as lê.

---

<sup>4</sup> Conceito criado por Conceição Evaristo e é definido como “[...] uma escrita que nasce neste compromisso com a vida, nesse compromisso com a vivência. Tanto a vivência sua, em termos individuais, quanto a vivência do outro...”, em entrevista ao Roda Viva, datada em setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-PIk>

## 2 EM NOME DO PAI

O homem come a mulher: sujeito, verbo, objeto. (SCOTT, p. 56)

Virginia Woolf há muito tempo já despontava o caminho reflexivo sobre como o “molde hierárquico” se pauta em recortes de gênero, mencionando que

As mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural. [...] Seja qual for o seu uso nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais para todas as ações violentas e heroicas. É por isso que tanto Napoleão quanto Mussolini insistiam tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, *se elas não fossem inferiores, elas deixariam de crescer*. [...] Pois se ela resolver falar a verdade, a figura refletida no espelho encolherá; sua disposição para a vida diminuirá. (WOOLF, 2014, p. 54 - 55, grifo meu)

Essa passagem resume muito bem a forma a qual nossa sociedade é estruturada, mas em muitos aspectos, também revela um molde muito semelhante nas sociedades ficcionais dentro da literatura, em especial no que diz respeito à literatura distópica ou, como iremos abordar neste trabalho, a sociedade de Gilead, principalmente na obra *O Conto da Aia* e perifericamente em *Os Testamentos*, ambos os títulos da autora canadense Margaret Atwood.

Um dos pontos principais com relação a esse sistema hierárquico e à perspectiva de Woolf é que, antes de mais nada, essa é uma analogia que exemplifica a maior parte das relações de dominância social, pois é uma construção histórica de séculos em que pessoas com útero/performance feminina deveriam ser o pilar de uma sociedade inteira, já que estão na base e sustentam o topo em suas costas, sendo passíveis de várias manipulações pelo objetivo final de evitar confrontos. Assim, pode-se dizer que uma base forte suficiente para carregar uma sociedade inteira nas costas, mas fragmentada (dividida) o bastante para evitar a união e a troca de ideias, uma vez que essa socialização e consequente fortalecimento poderia culminar em atos de rebeldia e, portanto, colocaria em xeque esse sistema de subalternidades.

Presente nos estudos literários, de gênero e de ciências sociais, o Patriarcado pode ser definido como a construção de um sistema social que tem sua base na distinção de performances, e sua cultura é moldada para favorecer o ideário de uma “performance masculina”, o que se acentua em recortes masculinos cisgênero héteros e brancos, que, por vezes, denominamos de *sujeito universal* ou *sujeito dominante*,

quando queremos evidenciar tais privilégios. Decido aqui enfatizar justamente o lugar da performance nessa realidade e faço uso dessa especificação pois, por muito tempo, quando o debate era o patriarcado, acreditava-se no favorecimento apenas do órgão biológico, ou seja, o pênis. Uma promoção que pode sim acontecer, mas que não necessariamente é via de regra já que, no caso de mulheres trans, o índice de assassinatos é estarrecedoramente mais elevado que o de homens trans, por exemplo, e torna ainda mais evidente que quando o assunto é o “direito à vida” e a “sentença à morte”, a *performatividade*<sup>5</sup> de gênero tem tanta importância quanto o sexo propriamente dito.

Nas palavras de Gerda Lerner, em sua obra *A Criação do Patriarcado: história de opressão das mulheres pelos homens* (2019), a autora expressa que

**Patriarcado**, em sua definição mais ampla, significa a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral. A definição sugere que homens têm o poder em todas as instituições importantes da sociedade e que mulheres são privadas de acesso a esse poder. Mas *não* significa que as mulheres sejam totalmente impotentes ou privadas de direitos, influência e recursos. (p. 390, grifo e destaque da autora)

Uma das tarefas mais árduas, especialmente no que tange aos estudos, pesquisas e reflexões mais aprofundados sobre o assunto é, sem dúvida, a análise histórica do desenvolvimento desse sistema, porque como qualquer construção social ele não é estável e nem fixo, e sim o oposto, pois envolve a contracultura de várias épocas, o que fica evidente quando pessoas que gestam passam a conquistar mais direitos. Em resumo, Gerda Lerner irá mencionar mais à frente:

Se o patriarcado descreve o sistema institucionalizado de dominância masculina, o paternalismo descreve um modo específico, um conjunto de relações patriarcais. **Paternalismo**, com mais precisão **dominação paternalista**, descreve a relação de um grupo dominante, considerado superior, com um grupo subordinado, considerado inferior, na qual a dominância é mitigada por obrigações mútuas e direitos recíprocos. O grupo dominado troca submissão por proteção, trabalho não remunerado por sustento. Em suas origens históricas, o conceito vem das relações familiares conforme se desenvolveram sob o patriarcado, nas quais o pai tinha total

---

<sup>5</sup> Conceito que surge na área da linguagem a partir da pragmática de Austin e que, posteriormente, passa a ser utilizado por Judith Butler nos estudos de gênero. Assim, a performatividade pode ser entendida como um sinônimo de performance. Isto é: um papel a ser desempenhado porque esperam que ele o seja, geralmente envolto em expectativas alheias. Ler: *Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. Trad. de Jamille Dias. Caderno de Leituras nº 78. Disponível para leitura em: <https://tinyurl.com/sm3erefk>

poder sobre todos os membros da família. Em troca, tinha a obrigação de prover sustento econômico e proteção. A mesma relação ocorre em alguns sistemas de escravidão [escravização]. (LERNER, p. 390 - 391, destaque da autora)

E é sobre esse aspecto, sobre a linha complexa entre a relação de dominante e dominado, que procuro me ater a partir daqui, levando em consideração a importância que existe nesse percurso epistemológico para compreender melhor os aspectos sociais que interferem na interação humana com o ambiente.

Apesar da autora ser essencial nos estudos de gênero e relações de poder, quando cita que “O grupo dominado troca submissão por proteção, trabalho não remunerado por sustento.” (ibidem, p. 391), obviamente esse é um aspecto muito específico e que parte de uma linha marxista de feminismo branco ocidental, o que não contempla toda a pluralidade de recortes existentes e que impactam diretamente não só na vivência individual de cada pessoa *no* mundo como, também, no ponto de vista que a mesma desenvolve *sobre* o mundo, a partir de sua condição sócio-histórica. Dessa forma, cabe mencionar como isso se apresenta em outros grupos, a fim de evitar uma universalização que também culminaria em opressões, uma vez que existem várias perspectivas e linhas teóricas sobre diferentes feminismos, e que essa “troca” de submissões e passividades pela proteção masculina branca e cisgênera não contempla a realidade vivenciada por mulheres negras, por exemplo, porque para essas mulheres tal possibilidade nunca sequer lhes foi apresentada.

Em seu icônico discurso chamado *E eu não sou uma mulher?*, Sojourner Truth, uma brilhante ativista pelos direitos da mulher e um marco do feminismo negro, deixa evidente o quanto outros *recortes interseccionais* precisam ser levados em consideração quando falamos em dominância, a exemplo de gênero, raça, classe, orientação sexual, expressão de gênero, e muitos outros. Assim, as relações de abuso são muito tênues e complexas, fazendo-se necessário levar em consideração uma série de fatores que indicam, na maioria das vezes, apenas a ponta do *iceberg* da opressão e a partir do qual se instauraram dois outros pontos principais: a vigilância e a fragmentação.

Somado a isso, podemos citar Audre Lorde e seus pensamentos interseccionais, especialmente para a discussão e o aprofundamento sobre como a subalternidade ocorre de diferentes formas em diferentes grupos inferiorizados:

Minha mãe costumava dizer que a mulher negra é a mula do homem e a mulher branca é seu cachorro. Mas ela disse aquilo para dizer isto: nós [mulheres negras] fazemos o trabalho pesado e apanhamos se o fizermos bem ou não. Mas a mulher branca é mais próxima do mestre e ele faz agrados em sua cabeça e a deixa dormir na casa, *mas ele não vai tratar nem uma nem outra como se estivesse lidando com uma pessoa.* (LORDE, p. 295, grifo meu)

O que faz parte da estratégia intrínseca de um sistema engendrado no autoritarismo, na dominação de corpos e na extinção de singularidades, e esse talvez seja o ponto mais importante: um grupo que é pisado não só por uma cadeia hierárquica muito bem definida, como também dilacera aos seus e fragmenta sua força quando vê em suas singularidades uma possibilidade de dominância de uns sobre os outros, e não uma soma de vivências que proporcionaria uma maior união. É nesse sentido que organizações absolutistas impedem a manutenção de sua ordem. Ao criar falsas ilusões, implementam pequenos benefícios e diminuem qualquer senso de pertencimento, seja ele na esfera coletiva ou na esfera individual. Isto é, utilizam-se da tentativa mais aterradora (e mais violenta) que pode ser implementada: a de suprimir todo e qualquer aspecto que faz de nós seres humanos.

Subjugando mulheres do próprio grupo, e depois mulheres prisioneiras, os homens aprenderam o poder simbólico do controle sexual sobre os homens e elaboraram a linguagem simbólica na qual expressar dominância e criar *uma classe de pessoas escravizadas do âmbito psicológico.* Com a experiência da escravização de mulheres e crianças, os homens entenderam que todos os seres humanos podem tolerar a escravidão, e *desenvolveram técnicas e formas de escravização que lhes permitiriam transformar essa dominância absoluta em instituição social.* (LERNER, p. 153, grifo meu)

Desse modo, o controle passa não apenas pelo domínio físico dos corpos, mas pela manipulação psicológica, já que todo sistema de dominação é instável por natureza e por isso necessita de estratégias de controle a fim de manter sua dominância e seu *status* hegemônico, o que geralmente ocorre no âmbito do discurso, se concretizando mais pelo consentimento do que pela coerção, ao fazer acreditar que aceitar ou ir a favor da corrente opressora, com passividade, é realmente o melhor caminho, afinal: a pessoa com a qual se está casada afirma isso, e Deus (ou a ideia criada sobre ele) também dá seu aval. Tanto que, em uma possível interpretação bíblica, e a que mais é usada como pretexto de subjugação, é que “[...] Eva, para ser honrada com o dom de dar a vida, será controlada pelo marido.” (LERNER, p. 328), pois desde sua origem, todo corpo que carrega um útero é essencialmente pecador,

ou pelo menos até que dele saia uma criança, independentemente de como foi concebida, visto que

A bênção dada por Deus à semente do homem que seria plantada no receptáculo passivo do ventre da mulher definiu de forma simbólica as relações de gêneros no patriarcado. E, na história da Queda, *a mulher e, sendo um pouco mais específica, a sexualidade feminina se tornaram o símbolo da fraqueza humana e a origem do mal.* (ibidem, p. 333, grifo meu)

Gilead, que é a sociedade representada nas duas narrativas que abordaremos, é portanto, a representação exata que mais ilustra a hierarquização de vivências e a política como forma de decidir quem vive e quem morre, quem tem o direito de desfrutar de uma maternidade ou não, quem é mais passível de ser abusada e violada em contraposição a outras pessoas mais privilegiadas e, também, quem deve gerar e quem está isenta dessa obrigatoriedade. Algo que de tão profundo, seco e direto, torna-se uma leitura difícil de ser digerida.

### 3 BENDITO SEJA O FRUTO

Talvez não seja sobre quem pode se sentar e quem tem de se ajoelhar ou ficar de pé ou se deitar, de pernas arreganhadas. Talvez seja sobre quem pode fazer o que com quem e ser perdoado por isso. (ATWOOD, 2017, p. 164)

Apesar de não ser revelado ao leitor por quanto tempo Gilead se perpetuou, sabe-se que foram ao menos 200 anos até sua queda, ainda que a transição tenha sido um processo gradual e sua ascensão, por outro lado, tenha sido repentina. A partir da memória de duas únicas personagens, sendo elas Offred e Tia Lydia, tal aspecto fica ainda mais evidente, uma vez que as narrativas utilizam diversas vezes o recurso de *flashbacks* para contextualizar a ascensão do regime.

Cabe ressaltar, antes de tudo, que em uma primeira leitura Offred e Tia Lydia podem ser vistas como antagonistas uma da outra, já que aquela pertence à casta inferior e essa à outra, de teor mais elevado (como veremos a seguir). No entanto, é interessante como, nesse aspecto memorialístico, as duas se complementam em seus relatos sobre um outro passado em um outro modelo de sociedade e, de certo modo, tornam-se duas personagens fundamentais para a contextualização não só de si mesmas ou de Gilead, mas de uma nação que permitiu o autoritarismo circular livremente em seu meio, até o momento em que não pode mais ser contido.

Com a implementação de leis extremas que restringiam direitos, a ponto de um golpe de Estado ser consolidado e uma nova Constituição ser implementada, situações como contas bancárias de pessoas [lidas como] do sexo feminino foram congeladas e transferidas para o parente masculino mais próximo (marido, pai, irmão ou avô), a censura da liberdade de expressão se tornou mais explícita e a ideia de “criação” de um inimigo comum<sup>6</sup> (neste caso, a infertilidade em decorrência da imoralidade) se tornou uma narrativa frequente. Por conseguinte, outras medidas se materializaram até que o estopim foi o grupo de pessoas armadas que realizou um massacre dentro do próprio Congresso. Fronteiras foram erguidas, e a separação por órgão reprodutivo, seguido do sequestro e do cárcere de pessoas com útero, passou a ser algo corriqueiro em um novo cotidiano. Ou melhor: no único cotidiano que passou a existir dali por diante.

Portanto, a instauração do regime se deu

[...] depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. [...] Foi então que suspenderam a Constituição. Disseram que seria temporário. Não houve sequer nenhum tumulto nas ruas. As pessoas ficavam em casa à noite, assistindo à televisão, em busca de alguma direção. Não havia nem um inimigo que se pudesse identificar. [...] As coisas continuaram naquele estado de animação suspensa durante semanas, embora algumas de fato tenham acontecido. Os jornais foram censurados e alguns foram fechados, por motivos de segurança, disseram. As barreiras nas estradas começaram a aparecer, e Identipasses<sup>7</sup>. (ATWOOD, 2017, p. 208 - 209)

Trechos como esse, que revelam um resgate muito importante da memória, são bastante frequentes na narrativa de Offred durante todo o primeiro romance, ao reiterar que essa sequência de fatos trouxe um forte abalo na manutenção de relacionamentos interpessoais, e torna explícito o lugar discursivo e social de cada indivíduo nas relações de poder, algo ainda mais discrepante com a extinção de tais direitos, autonomias e individualidades:

---

<sup>6</sup> Uma das principais estratégias de regimes totalitários para a chegada ao poder é a ideia de que existe um inimigo comum (pessoa, conceito ou sistema) pronto para ameaçar a ordem e, por isso, certas medidas extremistas devem ser concretizadas. Ler: DIKÖTTER, Frank. *Como ser um ditador: o culto à personalidade no século XX*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2022.

<sup>7</sup> Uma espécie de cartões de identidade que qualquer indivíduo devia sempre portar consigo: os Identipasses informavam o nome da pessoa e outras informações sobre sua nacionalidade, idade, profissão e demais dados. Quando aconteceu o golpe mencionado pela personagem, os Identipasses eram usados, principalmente, para barrar aqueles que tentavam fugir clandestinamente através das fronteiras.

Vão transferir seu número para ele, ou pelo menos é o que dizem. Marido ou parente mais próximo do sexo masculino. [...] Ele não se importa com isso, pensei. Não se importa nem um pouco, Talvez até goste disso. Não somos mais um do outro, não mais. Em vez disso, eu sou dele. (ATWOOD, 2017, p. 214 - 218)

No decorrer das páginas de *Os Testamentos*, Tia Lydia também revisita inúmeras vezes acontecimentos não só anteriores à Gilead, mas especialmente àqueles ligados a como foi sua chegada e adequação nesse novo sistema. Em uma das passagens mais tocantes e indigestas da obra, ela menciona o quão cruel foi notar que sua *humanidade* estava sendo praticamente retirada, arrancada, violentada, extinguida.

Desculpe eu me demorar tanto falando das instalações sanitárias, mas você ficaria surpreso em saber a importância que essas coisas adquirem - necessidades básicas a que você nem dá valor mais, que nem sequer passam pela sua cabeça até que lhe faltem. [...] Naturalmente, começamos a feder. Além daquele tormento do banheiro, vínhamos dormindo com roupas de trabalho, sem trocar a roupa íntima. Algumas já haviam entrado na menopausa, mas outras não, de forma que o cheiro de sangue coagulado se somou ao do suor, das lágrimas, da merda e do vômito. Respirar era nauseante. Eles estavam nos reduzindo a bichos - bichos de cativeiro -, à nossa natureza animal. Estavam esfregando a nossa natureza animal na nossa cara. Para que nos considerássemos *sub-humanas*. (ATWOOD, 2019, p. 159, grifo meu)

A mesma personagem ainda menciona que além de ter sido trancafiada em salas coletivas com tais condições, também era submetida a outras violências e violações, para além de presenciar a execução em massa de outras colegas de cela que, ou tentavam fugir e eram pegas, ou eram simplesmente dispensáveis para o regime, sem se “adequar” a alguma utilidade nas castas do sistema.

Ainda na ótica da lembrança, é possível observar sua elevada importância quando pensamos que estão situadas na memória (seja a vivenciada ou a de testemunho<sup>8</sup>) as bases para qualquer reflexão sócio-temporal e, conseqüentemente, a base para repetir ou reescrever a História, aliando-se ou subvertendo-se às condições experienciadas. Ponto que se torna quase palpável quando, em determinada fala, Tia Lydia diz que as meninas que nascerem em Gilead certamente

---

<sup>8</sup> Refere-se à lembrança vinda da contação de uma outra pessoa, ou seja, o indivíduo não vivenciou aquele fato, mas recebe informações do ocorrido por parte de quem o experienciou. (Ex.: netos que nunca participaram de uma guerra, mas ouviram os relatos dos avós que nela lutaram).



terão menor resistência à realidade violenta que lhes é apresentada, pois não teriam esse repertório de recordações individuais ou coletivas, como elas (pessoas mais velhas) ainda tinham do período anterior ao regime:

Vocês são uma geração de transição, disse Tia Lydia. É muito mais difícil para vocês. Sabemos os sacrifícios que são esperados de vocês. É duro quando homens as insultam. Para as que vierem depois de vocês, será mais fácil. Elas aceitarão seus deveres de boa vontade com o acordo de seus corações.

Ela não disse: Porque elas não terão lembranças de nenhuma outra maneira. Ela disse: *Porque não vão querer coisas que não podem ter.* (ATWOOD, 2017, p. 143 - 144, grifo meu)

O que se mostra um presságio muito concreto quando, no segundo livro, uma das três narradoras de *Os Testamentos*, chamada Agnes, relata o quanto a realidade de Gilead é naturalizada entre as crianças através de cantigas e brincadeiras, sem qualquer menção à uma outra possibilidade de vivência mesmo em tempos mais remotos e, logo, impede que as mesmas se questionem sobre a existência ou não dessas outras maneiras de viver.

Tínhamos todas as bonecas para a casa que se podia querer: uma *boneca-mãe* com o vestido azul das Esposas dos Comandantes, uma *boneca-menininha* com três vestidos - rosa, branco e violeta, que nem os meus -, três *bonecas-Martha* com aventais sobre vestidos verde fosco, um *Guardião da Fé* de boné para dirigir o carro e cortar a grama, dois *Anjos* para se postarem no portão com suas mini arminhas de plástico impedindo qualquer um de entrar para nos fazer mal, e um *boneco-pai* em seu empertigado uniforme de Comandante. Ele nunca falava muito, mas vivia dando voltas pela casa e sentava-se na cabeceira da mesa de jantar, e as Marthas lhes traziam coisas em bandejas, e aí ele entrava no escritório e fechava a porta. [...] No jogo da casa de bonecas, havia uma *boneca de Aia* com vestido vermelho e uma barriga inchada e um chapéu branco escondendo a cara, ainda que minha mãe tivesse dito que não precisávamos de uma Aia porque já tínhamos a mim, e as pessoas não devem cobiçar mais uma menininha se já têm uma. Então embrulhamos a Aia em papel de seda [...] (ATWOOD, 2019, p. 22 - 24, grifo meu)

Assim, a opressão ganha um outro papel nas duas obras de Atwood: passa a ser o pilar essencial que tanto molda a cultura, quanto é moldada por ela, e tudo isso em um processo absurdamente naturalizado com o passar dos anos. Em outras palavras, a opressão se torna cotidiana e cultural, até chegar ao extremo de que essa nova forma de viver sequer seja questionada.

Pautada em um sistema binário de castas, Gilead é uma sociedade em que a perpetuação desse *status quo* se baseia no órgão reprodutivo com o qual se nasceu,

sendo esse o delimitador principal do papel sócio-performático que cada casta apresenta. As “femininas” são inferiores, cabendo às Aias a reprodução (através do estupro); às Tias o treinamento das Aias no regime e às Esposas as atividades relativas ao lar. Já as castas chamadas “masculinas”, portanto, são vistas como superiores, porque partem delas as decisões legislativas, executivas, armamentistas e, também, privilégios exclusivos como a leitura, a escrita, a livre circulação na maior parte dos ambientes.

É necessário comentar que existem outras castas, como: as Econoesposas, que são as esposas proletárias e ainda atuam em algum serviço essencial para a subsistência do regime; as Marthas<sup>9</sup>, que são mencionadas como as “cuidadoras da casa”, ou seja, exercem todos os trabalhos domésticos; as Jezebels, que atuam na rede sexual clandestina de Gilead, ou como pode ser referenciado, à rede de prostíbulos chamada Casa de Jezebel<sup>10</sup>; e as chamadas Não-Pessoas, que são pessoas consideradas impossíveis de receber a “rendição” divina, que em outras palavras se diz daquelas que por algum motivo não se encaixam ou não são úteis para o sistema e acabam por serem levadas à campos de concentração com alto índice radioativo no solo. Quanto à essa última categoria, temos ciência de duas subdivisões, que são: as Não-Mulheres, geralmente mulheres mais velhas e pessoas LGBTQIAP+; e os Não-Bebês, considerados todos aqueles que nasceram natimortos ou com alguma deficiência, os quais não se sabe ao certo para onde são levados, mas sabemos, enquanto leitores, que eles jamais retornam para a sociedade novamente.

Desse modo, um ponto de distinção permeia essencialmente a tensão entre a casta das Aias e das Esposas, sendo a reprodutividade vs. a maternidade. Culturalmente, o útero parece carregar o fardo gigante e ambíguo (qualquer que seja o ponto de vista escolhido) da *escória moral* e da *santificação maternal*, do qual surge a ideia de um “sangue impuro”, mas também de um nascer sagrado. Que é o objeto

---

<sup>9</sup> Referência à personagem bíblica de mesmo nome: quando Jesus foi visitar a casa das irmãs de Lázaro, Marta e Maria, portanto, Maria sentou-se à mesa com ele para conversarem, enquanto Marta, por outro lado, procurou arrumar a casa, preparar alimentos e estar envolta em atividades domésticas.

<sup>10</sup> Recebe esse nome pois se refere à outra personagem bíblica, Jezabel, considerada pecadora por se envolver com vários homens e fazer uso da “ vaidade”. Vale ressaltar que em traduções e versões diferentes, os nomes são passíveis de pequenas alterações, como a mudança do “a” por “e” em Jezabel e o acréscimo do “h” em Marta.

de todos os pecados do mundo – como no exemplo de Eva ou de Lilith<sup>11</sup> –, mas também a semelhança mais próxima do divino, quando obedece ao que lhe é imposto e age com benevolência. O “pecado” feminino tem origem demoníaca por natureza, mas que pode ser remido através do ideário materno, como demonstra a sequência de dois trechos contidos na antologia de Priore, chamada *História das Mulheres no Brasil* (2004):

A construção da imagem feminina a partir da natureza e das suas leis implicaria em qualificar a mulher como naturalmente frágil, bonita, sedutora, submissa, doce, etc. Aquelas que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais. Entretanto, muitas qualidades negativas - como a perfídia e a amoralidade - eram também entendidos como atributos naturais da mulher, o que conduzia a uma visão profundamente ambígua do ser feminino. (ENGEL, p. 332, grifo meu)

Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. *Entretanto, ela será salva pela sua maternidade*, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade. (ARAÚJO, p. 46, grifo meu)<sup>12</sup>

Ainda, é necessário compreender a distinção feita entre o que seria *reprodução* e o que seria a *maternidade* propriamente dita. A *performatividade* do cargo de mãe inclui ideias bastante rígidas do que se espera que alguém faça para receber tal título, como cuidados práticos com educação, roupa, alimentação, moral, até os mais subjetivos como o amor incondicional, paciente e resistente, quase sobre-humano, para com a criança. Certamente nem todas as Esposas de Gilead desejavam ser mães e provavelmente quase nenhuma conseguia atuar como essa *santa mãezinha*<sup>13</sup> em sua completa perfeição, sem sobrecargas, sem desânimos e sem falhas, mas

---

<sup>11</sup> Diz-se de uma “história à parte” daquela contada oficialmente nos textos bíblicos, de origem popular hebraica no período medieval: Lilith teria sido a primeira esposa de Adão e, ganhando uma criação própria feita também por Deus (sem a codependência do marido), Lilith passou a negar o papel da servidão que lhe foi atribuído exigindo igualdade entre ambos os sexos, uma vez que os dois haviam sido moldados de maneira única. No final, conta-se que ela abandonou por livre e espontânea vontade o Jardim do Éden e, posteriormente, acabou sendo descrita de forma demoníaca em outras passagens da Bíblia. Inclusive, a versão mais conhecida dessa história afirma que Deus, na sua segunda tentativa, fez Adão dormir e Eva ser moldada a partir de sua costela justamente para que essa rebeldia não fosse repetida. Para que Adão esquecesse suas lembranças com Lilith e Eva, de alguma forma, estivesse eternamente ligada ao papel da subalternidade, já que primeiro foi feito seu esposo e só depois originou-se ela *a partir dele*.

<sup>12</sup> Referência a uma citação do discípulo Paulo de Tarso, nas epístolas do Novo Testamento, ao qual o autor recorre para aprofundar sua análise.

<sup>13</sup> Termo bastante usado por Mary Del Priore em *Ao Sul do Corpo*, sempre que deseja se referir ao ideário sacro da mulher, ou seja, no papel de mãe.

todas elas eram “redimidas” de sua natureza pecaminosa através da concepção divino-materna e, logo, estariam perto do topo da hierarquia, enquanto as Aias, vistas como meros *receptáculos*, eram fadadas a serem subjugadas eternamente, pois, por mais que essas gerassem, aquelas é que tinham o direito (e dever) a uma maternidade aprovada pela Religião.

Como já dito no capítulo anterior, a analogia de Virginia Woolf de mulheres como espelho dos homens é o que mais ilustra essa sociedade, mesmo que a padronização “masculina” é que esteja no topo da pirâmide dessa sociedade e, conseqüentemente, tenha mais poderio e imponha seu papel opressor, a base é composta majoritariamente pelo “feminino” tanto em número quanto em atuação, uma vez que é desse recorte que parte a maior quantia de castas. Maior *manipulação em massa* e de “*entretenimento*” (Tias e Jezebels, respectivamente), maior *atuação econômica* (Econoesposas) e de *cuidados com a casa e alimentação* (Esposas e Marthas). Maior *manutenção de energia e do solo* (Não-Mulheres) e, sem dúvida, o maior domínio do ponto essencial desse regime, que é a *fertilidade* (Aias).

Então, como fazer com que essas mulheres continuem fortes o suficiente para manterem seus papéis – e serem espelho desses homens –, mas não fortes o bastante a ponto de se unirem para destruir essa estrutura? E a resposta é: fragmentando esse espelho em castas e instaurando uma vigilância que inviabilize laços interpessoais de confiança. Em determinada passagem do primeiro livro, inclusive, Offred conta ao leitor como era a relação entre as mulheres da casa de seu Comandante, ao dizer que “Nesta casa todas nós invejamos umas às outras por alguma coisa.” (ATWOOD, 2017, p. 60), seja a Esposa por não conseguir gerar, seja a Martha por não ter direito a um núcleo familiar próprio... ou seja a Aia, por ter toda e qualquer mínima liberdade lhe sendo negada.

### 3.1 Aias

*Pertences da casa:* é isso o que somos. O Comandante é o chefe, o dono da casa. A casa é o que ele possui. Para possuir e manter sob controle, até que a morte nos separe. (ATWOOD, 2017, p. 99, grifo da autora)

Como mencionado no capítulo anterior, pessoas com útero são brutalmente reduzidas a qual serventia que esse órgão teria, sendo algo sempre alheio à pessoa que o porta, diga-se de passagem. No caso de Gilead, por exemplo, a ideia do “ser

mulher” se associa à serventia social que ela tem ao regime, especialmente na geração de crianças, tendo sua humanidade e qualquer resquício de individualidade e liberdade roubadas de si já que, nas palavras de John Davies, citado por Virginia Woolf em *Um Teto Todo Seu*: “Quando as crianças não forem mais desejáveis, as mulheres deixarão de ser necessárias.” (WOOLF, 2014, p. 156)

Assim, Offred faz várias alusões de seu corpo como um objeto, algo que pertence a todos menos a ela mesma. Que pode ser violado, violentado, manipulado e trancafiado, desde que ao final seu útero gere crianças, independentemente de como esteja sua saúde mental ou de como ela esteja fisicamente. Percebe-se, então, que a vítima é tida sempre como culpada pela violência sofrida, deixando evidente a manipulação psicológica concretamente vivenciada pelas Aias no Centro Raquel e Lia (ou o Centro Vermelho, como chamam as Aias secretamente consigo mesmas), como na situação a seguir, que é lembrada pela personagem de Offred:

É Janine, contando como foi currada por uma gangue aos catorze anos e fez um aborto.

[...] Mas de quem foi a culpa?, diz Tia Helena, levantando um dedo roliço.

*Dela*, foi *dela*, foi *dela*, entoamos em uníssono.

*Quem* os seduziu? Tia Helena sorri radiante, satisfeita conosco.

*Ela* seduziu. *Ela* seduziu. *Ela* seduziu.

Por que Deus permitiu que uma coisa tão terrível acontecesse?

Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar uma *lição*. Para lhe ensinar uma *lição*. (ATWOOD, 2017, p. 88, grifo da autora)

Em outras palavras, pessoas que geram têm a reprodução como um papel a ser cumprido dentro do regime e, quando abusadas, são violentadas dupla, tripla, infinitamente, ao carregar sobre si também a culpabilização por isso. Nessa perspectiva, podemos considerar um comentário de Maria Rocha-Coutinho, uma das maiores pesquisadoras nos estudos de gênero e sociedade, sobre a ideia milenar da importância dos filhos na perpetuação do *status paterno*, pois pelo último sobrenome “[...] é o homem que dá continuidade à sua família, através da perpetuação do nome que carrega, fato que, acreditamos, já seja, por si, uma consequência do maior poder que ele detém na sociedade.” (1994, p. 133, grifo meu). É inclusive por esse motivo que escolho intencionalmente trazer neste trabalho o primeiro nome dos autores, indo na direção contrária do que convencionalmente é visto na academia quanto às citações, pois mais do que reconhecimento, o nome em sua integralidade representa também um ato político, especialmente quando pensamos que as mulheres por muito tempo foram obrigadas a carregar consigo o sobrenome de seus cônjuges, tornando-

se uma espécie de posse dos mesmos, ou no caso de pessoas LGBTQIAP+, que constantemente têm seus nomes e pronomes invisibilizados e inviabilizados socialmente. Aqui, porém, proponho algo diferente: o direito à uma alteridade que merece ser reconhecida também por escrito.

Assim, em um ambiente no qual a tentativa de desumanização é constante, especialmente para os recortes de casta inferior, Offred reflete diversas vezes sobre o que, então, nos faz humanos: ao repensar sobre como a sexualidade e qualquer noção de prazer lhe era negada, notou também (ou principalmente) que era na falta de intimidade e aconchego que morava a pior das privações:

*Mas isso está errado, ninguém morre por falta de sexo. É por falta de amor que morremos. Não há ninguém que eu possa amar, todas as pessoas que eu podia amar estão mortas ou em outro lugar. Quem sabe onde estão ou quais são seus nomes agora? Poderiam muito bem não estar em lugar nenhum, como eu estou para elas. Eu também sou uma pessoa desaparecida. (ATWOOD, 2017, p. 125, grifo meu)*

Ao trazer em uma passagem breve, mas certa, o quão violento o regime conseguia ser que, roubando dela todas as suas noções de individualidade, de humanidade, de senso de comunidade ou importância, restou-lhe a tentativa escassa e persistente de pelo menos poupar a sanidade, tanto para manter-se viva, quanto para que consiga ser o suficiente no momento de ir procurar por sua filha.

*Nenhuma esperança. Sei onde estou, e quem sou eu, e que dia é hoje. Esses são os testes, e estou sã. A sanidade é um bem valioso; eu a guardo escondida como as pessoas antigamente escondiam dinheiro. Economizo sanidade, de maneira a ter o suficiente, quando chegar a hora. (ATWOOD, 2017, p. 133, grifo meu)*

O que deixa ainda mais explícito o quanto a “resistência” pode se apresentar de diversas formas e subjetividades. Seja pela organização de movimentos sociais, pelo ato subversivo de ler e escrever às escondidas, pela troca de olhares mais demorada, por um toque carinhoso, ou mesmo, como acabamos de ver, através da tentativa diária e árdua de economizar saúde mental, principalmente em um espaço em que toda individualidade (até de pensamentos) é alvo de extinção.

### **3.2 Esposas**

[...] Seus discursos eram sobre a santidade do lar, sobre como as mulheres deveriam ficar em casa. Ela mesmo não ficava, em vez disso, Serena Joy fazia discursos, mas apresentava essa sua falha como um sacrifício que estava fazendo para o bem de todos. [...] Ela não faz mais discurso. Tornou-se incapaz de falar. (ATWOOD, 2017, p. 58)

Segundo Gilead a *causa* e o *dever da solução* de todos os problemas estaria nas mulheres, com a infertilidade tendo origem apenas nos óvulos e jamais em espermatozoides, considerando assim que apenas as Esposas seriam estéreis, pois, mesmo que as dificuldades de inseminação estivessem a cargo de alguns Comandantes, sua “superioridade viril” não era questionada.: “*Estéril*. Isso é uma coisa que não existe mais, um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei.” (ATWOOD, 2017, p. 75, grifo da autora).

Em *Ao Sul do Corpo*, Mary Del Priore (1993) ressalta como durante um longo período na História foi atribuída única e exclusivamente a pessoas com útero a causa de infertilidade. Os argumentos dos médicos se pautavam na precarização de estudos racionais e científicos com relação ao útero, e se reafirmavam nos discursos da Igreja, atribuindo a elas uma depravação moral que, através da esterilidade, estaria sendo castigada por Deus. Uma forma de “compensação” ou “remissão” de sua natureza pecaminosa intrínseca às mulheres desde seu nascimento, por culpa de Eva.

Nicolas Venette, autor do importante *La génération de l’homme ou Tableau de l’amour conjugal*, obra de 1696, repetia os antigos afirmando que as *mulheres eram mais responsáveis pela esterilidade do que os homens*. Sua opinião encontrava respaldo em presunções populares, correntes nos séculos XVI e XVII, de que as mulheres muito bonitas eram impotentes por um castigo de Deus, irado com suas vaidades. E as feias também o eram, num castigo divino, por sua inveja das bonitas. (DEL PRIORE, 1993, p. 167, grifo meu)

Dessa maneira, independentemente se gerassem através de si, ou através das Aias, tal qual Raquel e Bala<sup>14</sup>, o direito e dever da maternidade cabe às Esposas, em oposição ao que seria então o seu *duplo*<sup>15</sup> demoníaco, uma vez que assim “A *sacralização do papel social da mãe passava, portanto, pela construção do seu*

<sup>14</sup> Referência a duas personagens bíblicas: Raquel era esposa de Jacó e, por algum motivo, não conseguia ter filhos. Assim, Raquel disse à Jacó para ter relações sexuais com Bala (que era sua “criada”), pois através dela é que Raquel daria filhos à Jacó, mesmo que a partir de uma interpretação subjetiva e não concreta.

<sup>15</sup> A ideia do *duplo* consiste em ter duas personagens antagonistas uma à outra. Em outras palavras, são o avesso e o extremo uma da outra, ainda que sejam interligadas entre si.

avesso: a mulher mundana, lasciva e luxuriosa, para quem a procriação não era dever, mas prazer.” (ibidem, 1993, p. 83, grifo meu)

Não apenas na instância de crenças sobrenaturais, como no caso da Religiosidade em Gilead, socialmente as Esposas também eram levadas a aceitar de muito bom grado essa *função* que desempenhavam, pois “era assim que devia ser”, quer elas desejassem ser esposas e mães ou não. Ainda, vale ressaltar que mesmo que seus pensamentos e sentimentos fossem negativos e adversos a isso, essa subversão não era muito verbalizada ou sequer demonstrada em qualquer outra expressão de linguagem: tinham, portanto, o *privilégio* de serem consideradas Mulheres, de serem vistas *quase* como seres humanos e, portanto, revelar uma ruptura à performatividade exigida era o mesmo que correr o risco de ser considerada uma Não-Mulher. Afinal, quem em sã consciência abdicaria de um *trabalho*<sup>16</sup> tão gratificante quanto cuidar de filhos? Algo tão magnífico, majestoso e essencial quanto aceitar, de coração aberto, o *dom* que Ele atribuiu às mulheres?

[...] pois que enfim por isso que elas são mães, são as primeiras mestras e os primeiros modelos para a imitação dos filhos, não seriam completos os nossos desejos se às nossas vistas não se estendessem também à boa educação das filhas, destas filhas que a Província desde o berço destinou para ser mães, mestras religiosas ou diretoras dos primeiros passos daqueles que um dia hão de formar o corpo da sociedade humana. (ibidem, 1993, p. 314, grifo meu)<sup>17</sup>

Dentro dos estudos de gênero, é possível analisar, a partir de vários fatores, que a dinâmica entre opressores e oprimidos se dá nas relações interpessoais, de como “oprimido pode se tornar opressor”<sup>18</sup>, mesmo em casos quando a resposta do oprimido é diferente de seu opressor originário<sup>19</sup>. Assim, as Esposas geralmente exerciam seus papéis de opressoras das camadas mais baixas, essencialmente no que dizia respeito às castas “inferiores” que a elas estavam subordinadas dentro do

---

<sup>16</sup> Relaciona-se ao ideário sócio-histórico de que a função de mãe e esposa é algo natural e, logo, essencialista, sem ser visto como força de trabalho. Nas palavras de Silvia Federici “O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago.” Ler: FEDERICI, Silvia. *Mulheres e a caça às bruxas*. São Paulo: Boitempo, 2019.

<sup>17</sup> A autora faz menção à fala do Bispo Azevedo Coutinho.

<sup>18</sup> Ler FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

<sup>19</sup> Relacionando com a famosa frase de Malcolm X, na qual ele diz “Não confunda a reação do oprimido com a violência do opressor.”



ambiente familiar, ou seja, Aias e Marthas.

Na tentativa de buscar uma forma de controle que desse vazão a inferiorização de outras mulheres e promoção de uma sensação de superioridade – mesmo que momentânea —, essas “donas de casa” viam naquele ambiente um território o qual poderiam dominar e exercer alguma influência, por mais diminuta e supérflua que fosse. Fora daquelas delimitações, entretanto, elas continuavam a ser subalternizadas, tanto por seus maridos Comandantes quanto pelas demais castas masculinas, porque no caso das Esposas “[...] esta forma de controle indireto não é apenas uma das formas de controle aberta às mulheres, mas, mais do que isso, a *principal forma de controle que a sociedade permite que elas usem.*” (ROCHA-COUTINHO, p. 143, grifo meu).

Sendo assim, seria essa uma espécie de ficção que as Esposas contavam para si mesmas: histórias e narrativas que incessantemente eram contadas e recontadas, até que elas próprias acreditassem nessa perspectiva. Até acreditarem que “[...] se você for suficientemente boa, bonita, doce, calada, se você ensinar seus filhos a se comportar, se *você odiar as pessoas certas* e se casar com os homens certos, então você terá permissão para coexistir com o patriarcado em relativa paz.” (LORDE, p. 244, grifo meu). Isso quer dizer: a ilusão de que a permissividade é a melhor saída para sobreviver ao sistema, criando para si narrativas paralelas à realidade, como a ideia de buscar se “aliar” ao opressor a fim de receber castigos mais brandos.

### 3.3 Tias

Você ficaria surpresa em saber como a mente se deteriora na ausência de outras pessoas. Uma pessoa sozinha não é uma pessoa inteira: existimos na relação com os outros. Eu era uma pessoa: perigava me tornar nenhuma. (ATWOOD, 2019, p. 164)

A casta das Tias talvez seja a mais dúbia e complexa dentro de Gilead quando falamos da dominância enquanto sistema. Ainda que sejam mulheres e, logo, pertencentes à uma posição inferior se em comparação com os homens, elas têm o aval de atuar contra todas as castas, mesmo que com ressalvas. Tia Lydia, uma das personagens essenciais na estrutura gileadeana, demonstra muito bem tais extremos: considerada uma das caracterizações mais abomináveis por seus atos violentos

contra as Aias, mais à frente em *Os Testamentos*, descobrimos enquanto leitores que Gilead só teve sua queda porque foi ela que ajudou a resistência e tentou destruir – em certa instância – o regime de dentro para fora.

Outro papel intrigante das Tias é que, de certa forma, elas representavam uma forma de resistência, ou ainda, a possibilidade desta, pois eram pessoas que já não podiam gerar (por conta de sua idade avançada) e ainda assim desempenhavam um papel importante longe da reprodução. Além de que meninas consideradas “rebeldes” à ideia de se casarem, mas que faziam parte de famílias reconhecidas e, portanto, não seria de bom grado que fossem rebaixadas, viravam Pérolas.

As Pérolas podem ser consideradas uma espécie de “pupilas” das Tias, enviadas para atuarem no Centro Vermelho a fim de ficarem “mais perto de Deus” (como em internatos), ou então, enviadas para missões fora de Gilead, cujo propósito era buscar adeptos e trazê-los para dentro do regime. Desse modo, podemos arriscar dizer que as Tias, assim como as freiras e os conventos que conhecemos socialmente “[...] representavam uma *ameaça aos objetivos reais por retirar da sociedade parte de sua população potencialmente fértil.*” (NUNES, p. 484), pois carregavam consigo certa influência em nome da religião.

*Assim, consciente ou inconscientemente, as religiosas prepararam outras mulheres para contestarem o lugar que lhes era tradicionalmente atribuído na sociedade, ainda que continuassem a veicular em seu discurso religioso uma visão tradicional do papel social feminino.* (RAGO, 1997, p. 494, grifo meu)

Ou seja, tal qual as freiras em épocas nas quais mulheres tinham menos direitos sociais, as Tias dr prestavam a um papel semelhante em Gilead, pois mesmo que inconscientemente, elas apontavam um outro caminho, um caminho diferente de ser uma Esposa ou uma Não-Mulher: a escolha (ou a “vocaçãõ”) de servir à religião e assim não servir aos homens, tanto no sentido subjetivo, referente à humanidade, quanto no sentido concreto, relacionado à gênero. As Tias eram o que podemos chamar aqui de uma “terceira via” para a performance atribuída às mulheres.

#### 4 SOB O OLHO DELE

A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós escapulir da rede por causa de alguma coisa que aconteça em uma de nossas caminhas, a outra será responsável. (ATWOOD, 2017, p. 29)

Em uma leitura superficial, o leitor pode se perguntar: se aquelas pessoas (do sexo feminino) estavam tão descontentes com Gilead, então por qual motivo não se uniram e declararam guerra? Talvez Gilead não fosse de todo ruim para todas as mulheres, senão, por qual motivo algumas delas “acataram” o regime? Ou ainda, como pode uma mulher legitimar e exercer tanta violência para com outra mulher, sendo que todas ali em algum nível já são oprimidas?

Sobre isso me valho de um ponto trazido por Virginia Woolf, também em sua obra *Um Teto Todo Seu* (2014), quando menciona os inúmeros questionamentos sobre o porquê as mulheres não lutaram por seus direitos, especialmente ao livre acesso ao ensino. A autora diz, a respeito disso, que a pergunta principal que deveria ser feita estava errada: não deveriam perguntar por que as mulheres não lutaram mais ou o suficiente para entrarem nas escolas e universidades. Mas, ao que essas mulheres estavam sendo submetidas, que as impedia de ocupar esses espaços? Nota-se que na primeira frase o foco (e uma certa culpabilização) recai sobre as mulheres, como se tivessem sido indivíduos passivos que nem sequer tentaram lutar. Já na segunda pergunta, o foco é direcionado aos obstáculos e impeditivos que, apesar de elas lutarem arduamente por seus direitos, ainda as impediam de conseguir concretizá-los. E com relação à Gilead o mesmo se aplica. O fato de o regime ter se perpetuado por tanto tempo não é resultado de uma passividade dos corpos dominados, mas da articulação conjunta de uma série de fatores aplicados em uma lógica dominante que impediu por muito tempo que a liberdade fosse materializada.

Para ilustrar a maior parte das estratégias de controle de Gilead, trago agora como base Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (1987), no qual o autor pontua as táticas mais comuns do encarceramento, e que se observarmos bem atentamente, integra a base de todo e qualquer regime autoritário. Assim, Foucault traz a ideia de que um dos princípios mais fundamentais para a dominação, não só de corpos, mas de mentalidades, é a vigilância. Independentemente de um conjunto de pessoas estar de fato sendo vigiado ou não, o ponto principal é fazer com que acreditem que estão, pois é dessa forma que elas evitarão se rebelar ou cometer atos falhos contra o sistema: pelo medo constante de serem descobertas e punidas. “Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder [em que] a visibilidade é uma armadilha.” (FOUCAULT, 1987, p. 224)

Desse modo, ele utiliza dos conceitos de Bentham sobre controle de massas, explicitando que os dois pilares principais para que a rede de vigilância seja efetiva e suas vítimas a internalizem, até o ponto de serem seus próprios vigias, são: o *visível* e o *inverificável*.

Por isso Bentham colocou o princípio de que o poder devia ser visível e inverificável. *Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo.* (ibidem, 1987, p. 225, grifo meu)

Reiterando que, com relação à manipulação e a dominância

Pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados. [...] *Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado.* O Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder. *Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas.* (ibidem, 1987, p. 225 - 226, grifo meu)

Assim, no caso do regime criado por Atwood, o princípio dessa ideia é levado ao extremo e podemos resumi-lo em 2 pontos essenciais sobre os quais falaremos a seguir, sendo eles: 1. Vigilância interpessoal e 2. Controle de linguagem.

#### **4.1 Vigilância interpessoal**

A vigilância, como já comentamos antes, parte tanto da violência psicológica quanto da violência física dentro das duas obras, mas no que se refere a manipulação psíquica, principalmente, conseguimos categorizar esse sistema de vigilância em duas aplicações distintas nessa sociedade: 1º) a observação dos Olhos, que são pessoas disfarçadas e infiltradas em todas as castas e delatam incoerências e 2º) a diligência pessoal, ou seja, o ato da própria pessoa vigiar a si mesma e impedir seus impulsos de subversão com receio de ser descoberta.

## 4.2 Controle de linguagem

Podemos considerar esse o aspecto mais concreto e palpável de todo o sistema, já que atua no espaço propriamente dito, como a *arquitetura* e a *vestimenta*. A maioria, senão todos os lugares que eventualmente aderiram ao regime, tiveram sua arquitetura modificada, ganhando um campo de visão amplo e com pouquíssimos prédios altos ou ruas com becos, evitando, assim, que pessoas conseguissem se esconder, escapar ou trocar informações sem serem vistas. Ainda, a *vestimenta* é usada como uma forma de complementar essa ideia de maior visibilidade: todas as pessoas usam roupas de cores muito específicas, o que é ainda mais rígido nas castas femininas, em especial no que diz respeito às Aias por usarem vestidos e capas vermelhas acompanhadas de uma espécie de “chapéu” (semelhante à um cabresto) branco, o que as impede de ter uma visão mais panorâmica e facilita bastante de serem identificadas caso queiram fugir, já que o vermelho é o tom mais chamativo e saturado em comparação a todos os outros tons usados em Gilead.

Além disso, podemos destacar também o controle do corpo, da mente e da subjetividade, ou seja, de tudo que nos faz humanos e que nos traz sensações de pertencimento, pois quando isso passa a ser manipulado e cerceado, entretanto, o indivíduo passa a lutar não só contra o sistema, o ambiente no qual está inserido, mas contra si mesmo, sem conseguir manter sua própria individualidade. Ao extinguir a leitura e a escrita da maioria das pessoas (exceto os Comandantes), trocar o nome das Aias<sup>20</sup> como um lembrete constante de que eram “objetos pertencentes a seus donos” (isto é, seus abusadores), podar suas liberdades e exercer violência sobre seus corpos, Gilead passou a conseguir controlar também a memória. Criando suas próprias leis e uma realidade completamente à parte do mundo e da sociedade que antes vivenciavam, o regime logrou estabelecer uma dominação que equilibrava o concreto com o subjetivo, atuando no físico, no emocional e na *psique* dos indivíduos.

---

<sup>20</sup> No idioma original (inglês) a desinência “of” indica “de/o”, logo, quando as Aias perdem seus nomes e ganham nomes novos na dinâmica *Of* + nome de seu Comandante atual, a ideia a ser transmitida é que essa Aia *pertence* ao seu Comandante. Ex.: *Of* + *Fred* = *Offred*. O que quer dizer: [Aia] Do Fred.

## 5 NOLITE TE BASTERDS CARBORUNDORUM

Tradução possível: “Não permita que os bastardos reduzam você a cinzas.”

Pegar a caneta entre meus dedos é sensual, parece quase viva, posso sentir seu poder, o poder que as palavras contém. Inveja da Pena<sup>21</sup>, diria Tia Lydia, citando mais um dos lemas do Centro, advertindo-nos a nos manter longe de tais objetos. (ATWOOD, 2017, p. 222 - 223)

“A não-afirmação social da mulher se repetia na sua não-afirmação pela palavra.” (LOURO, 2004, p. 423), como bem se refere Louro sobre a dificuldade de acesso das mulheres à uma educação crítica e emancipatória, especialmente em torno da leitura e da escrita. E não coincidentemente isso também ocorria em Gilead, assim como historicamente ocorre em nossa sociedade, do mesmo modo que ocorreu na maior parte dos (senão todos) regimes totalitários já vistos, seja nas páginas dos livros ou inscritos a ferro e brasa no cotidiano da História.

Como já foi mencionado, este capítulo se destina à linguagem e sobre como a mesma é extremamente passível de manipulações. Dito isso, ousa também dizer que na sua receita de origem a manipulação é um de seus maiores ingredientes intrínsecos e a ficção é o segundo deles. Do pequeno ato de repassar uma informação omitindo ou aumentando fatos, até as grandes estratégias de “recontar” o passado em contextos totalitários, o que é possível de ser observado tanto em Gilead (com a naturalização das castas e o silêncio sobre o passado antes do regime), quanto em regimes extremistas dentro da História do mundo que vivemos. Todo desejo de receber um retorno ou resposta específicos faz com que se altere algo na informação durante seu processo de emissão, ou seja, no seu processo de (re)criação. Assim, todos nós fazemos ficção: seja nas histórias que contamos para alguém, para uma nação inteira, ou para nós mesmos.

No entanto, se toda linguagem é passível de manipulação, e se aprendemos a atrelar a nomenclatura de termos ao seu significado, caso o nome de algo “deixe de existir”, o que é nomeado por ele também passa a ser inexistente? Ou ainda, volto a reiterar os questionamentos que trouxe na introdução deste trabalho: a resignificação de um termo muda também sua concretude? A nomeação de determinada ação, circunstância e/ou sentimento é o que o torna real, ou sua existência independe de

---

<sup>21</sup> O jogo de palavras perde o sentido em português: *Pen is envy* i.e. literalmente, *Pena/caneta é inveja*, uma alusão à inveja do pênis, de Freud, i.e. *Penis envy*. (nota explicativa retirada do próprio livro)

nomenclaturas? Qual a importância de um repertório de memórias individuais e coletivas para identificar situações de abuso? E a principal delas: *A realidade cria a linguagem ou a linguagem cria a realidade?*

A criação de Gilead, e conseqüentemente sua perpetuação, tem seu ponto chave na *linguagem*, juntamente com todas as ferramentas de controle que isso engloba, inclusive por meio da *memória* como um patrimônio imaterial, tanto individual quanto coletivo. Em determinado momento do primeiro livro, a personagem Offred nos coloca frente à uma das passagens mais repugnantes da obra, e que já prepara o estômago do leitor (ou melhor, o embrulha) para o teor que a leitura realmente tem:

Minha saia vermelha é puxada para cima até minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazer amor, porque não é o que ele está fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. *Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi.* (ATWOOD, 2017, p. 115, grifo meu)

Assim, nesse curto e profundo trecho, Offred nos intima: nos intima a estar nesse mesmo quarto com ela, alternando nossa posição, nosso ponto de vista, e nos obriga a interagir com esse espaço mesmo contra nossa vontade. Alternamos entre vivenciarmos essa violação por seu campo de visão, quase em primeira pessoa, e ainda presenciarmos esse *show* de horrores em terceira, como alguém encostado em uma parede, que não importa o quanto grite (para o Comandante, ou para o livro), não consegue fazer *aquilo* parar. E por *aquilo*, quero dizer *estupro*, mas por *aquilo*, Gilead quer dizer *Cerimônia*, proibindo a devida referência a esse nome.

Alguns pontos nessa narração são essenciais para a compreensão do *caráter dúbio da linguagem*, tanto como ferramenta de dominação quanto de não-subalternidade. Nota-se que Offred, apesar de não concretizar a nomeação da violência da qual é vítima, ela a menciona e a identifica: em Gilead o termo *estupro* (e na verdade, qualquer outro que remeta a qualquer abuso sexual) “deixa de existir”. Esses termos não deixam de existir na memória daquelas pessoas que já os conheciam antes do regime, em outro modelo de sociedade, e tampouco deixam de existir em sua materialidade (como bem vimos no trecho destacado), mas passam por uma *camuflagem*, ou seja, ganham outro nome. Dessa forma, o estupro de Aias passa a ser chamado de Cerimônia (para a concepção de crianças), e outros abusos, a

exemplo até da pedofilia, acabam por ser vistos como “inexistentes”, ou ainda, favorecem uma culpabilização da vítima, como se ela própria fosse o motivo que atraiu tal *heresia*.

Mais à frente, já no segundo livro de Atwood (*Os Testamentos*), uma outra situação acontece em um cenário bem diferente e, curiosamente, ao mesmo tempo semelhante: é o caso de Becka, uma criança que já nasceu em Gilead e é fruto do estupro de uma Aia por “seu” Comandante. Esse trecho se encontra em um dos capítulos que tem por narradora Tia Lydia, e a mesma só toma conhecimento desta conversa pois colocou uma “escuta”, um microfone próximo das meninas, a fim de apurar o que estava acontecendo:

Becka estava ainda mais magra. Seus olhos castanhos esverdeados, sempre grandes em proporção com o seu rosto, pareciam maiores do que nunca. Ela me contou que estava feliz em estar naquela turma comigo, mas não feliz por estar na turma em si. Ela implorara encarecidamente à família que ainda não a desse em casamento – ela era muito nova, não estava pronta –, mas eles haviam recebido uma excelente oferta: o filho mais velho de um Filho de Jacob e Comandante que estava a caminho de se tornar ele mesmo um Comandante. Sua mãe lhe dissera que não fosse boba, que nunca mais veria uma oferta daquelas de novo, e se ela não aceitasse aquela, as ofertas só fariam piorar quanto mais ela envelhecesse. Se ela chegasse aos dezoito sem se casar, seria considerada *mercadoria seca* e estaria fora de cogitação para Comandantes: teria sorte em ser desposada por um Guardiã. Seu pai, o dentista dr. Grove, disse que era incomum um Comandante levar em consideração uma moça de baixa patente como ela, e seria um insulto recusar, e o que ela queria, acabar com a vida dele?

– Mas eu não quero! – choramingava ela para nós quando Tia Lise saía da sala. – Que um homem fique rastejando por cima de mim, tipo, tipo um monte de minhocas! *Odeio isso!*

Ocorreu-me que *ela não disse que odiaria, disse que já odiava. O que será que acontecera com ela? Alguma desdita que ela não podia contar?* Fiquei me lembrando de como tinha se impressionado com a história da Concubina Cortada em Doze Pedacos. Mas resolvi não perguntar: a desdita de outra menina podia te contaminar, se você chegasse perto demais.

– Não vai doer tanto – disse Shunammite – e pense só nas coisas que você vai ter! Sua própria casa, seu próprio carro e Guardiões, e suas próprias Marthas! E se você não puder ter filhos, vai ganhar Aias, quantas precisar!

– Não me importo com carros nem Marthas, muito menos Aias – disse Becka.

– *É aquela sensação horrível. Molhada.*

– Como assim? – disse Shunammite, dando risada. – Quer dizer a língua deles? Não é pior do que língua de cachorro.

– É muito pior! – disse Becka. – Cachorro é amigo.

Eu não falei nada sobre como eu me sentia a respeito do casamento. Eu não podia contar a história da minha consulta dentária com o Dr. Grove: ele ainda era o pai de Becka, e Becka ainda era minha amiga. *Em todo caso, minha reação fora mais de nojo e aversão, que agora me parecia trivial face ao verdadeiro horror que Becka sentia.* (ATWOOD, 2019, p. 180 - 181, grifo meu)

A situação é posta no livro como que em pequenas pistas, diminutas peças que ao decorrer da narrativa vão sendo encaixadas até montar o quebra-cabeça quase



completo do cenário de abuso o qual a garota sofre há anos por seu “pai adotivo”. No caso de crianças, a culpabilização já é instaurada socialmente em sua educação, o que se intensifica ainda mais quando se tornam vítimas de assédio, especialmente no caso de meninas. Trata-se de um *silêncio* ensurdecedor, e de uma fala que, quando proferida, constantemente é desacreditada pelos adultos, mesmo que seja um fato que se torna nítido e concreto nas sutilezas do dia a dia, como a mudança abrupta de comportamento. Em outras palavras, pode-se dizer que é *uma realidade existente, mas intencionalmente omitida*.

Agnes: Precisamos contar para alguém.

Becka: Não, não tem ninguém a quem contar.

Agnes: Poderíamos falar para a Tia Lydia.

Becka: Ela vai dizer que ele era meu pai e que temos que obedecer a nossos pais, está no plano de Deus. É isso que meu pai dizia.

Agnes: Mas ele não é seu pai de verdade. Não se ele fez isso com você. Você foi roubada da sua mãe, entregue ainda bebê...

Becka: Ele disse que sua autoridade sobre mim vinha de Deus.

Agnes: E quanto à sua suposta mãe?

Becka: Ela não acredita em mim. Mesmo que acreditasse, ia dizer que eu que provoquei. Todo mundo diria a mesma coisa.

Agnes: Mas você tinha quatro anos!

Becka: iam dizer do mesmo jeito. Você sabe que iam. Não podem começar a acreditar na palavra de... de gente como eu. E supondo que acreditassem em mim, iam matar ele, mandá-lo para ser dilacerado por Aias em uma Particuição<sup>22</sup>, e a culpa seria minha. Eu não ia conseguir viver com isso. Seria como cometer assassinato. (ATWOOD, 2019, p. 272 - 273)

A partir disso, no decorrer das páginas e através da narração de Tia Lydia, descobrimos que o dentista já mantinha um longo histórico de abusos, sobre sua filha (como acabamos de ler), sobre a amiga de sua filha (Agnes), e sobre várias outras meninas das mais variadas idades, utilizando-se de sua profissão para ficar a sós com as vítimas e, principalmente, de um outro privilégio, um mais onipotente ainda e pelo qual tinha mais benefícios: do status de Comandante? Não. Do status de *homem*:

Então, aos trancos e barrancos, ela foi contando. O desgraçado do dr. Grove

---

<sup>22</sup> Refere-se ao único ato de execução realizado pelas Aias em casos de quebra de regras, como a pedofilia (principalmente) e em relações sexuais/afetivas com Aias fora do momento destinado à Cerimônia. A Particuição ocorria da seguinte forma: as Aias eram obrigadas a formar um círculo ao redor da pessoa condenada e, quando a Tia responsável acionava o apito, todas avançavam com pedras e deviam espancar a pessoa até a morte. Ainda vale ressaltar que essa é a versão oficial contada por Gilead. O ritual também era utilizado para outros fins, como para eliminar membros da Resistência: nesses casos era recriada uma narrativa sobre alguém ter "quebrado uma regra", geralmente envolvendo um crime/heresia hedionda, quando na verdade a pessoa condenada fazia parte da Resistência (chamada de May Day) e havia sido descoberta por auxiliar em planos contra o regime.

não tinha se limitado a apalpar suas jovens pacientes na cadeira de dentista. Eu já sabia daquilo havia tempos. Eu chegara até a coletar provas fotográficas, mas as omitira, porque o depoimento das jovens - se é que era possível extrair depoimento delas, o que nesse caso eu duvidava - de pouco ou nada valeriam. Até mesmo com mulheres adultas, quatro testemunhas mulheres valem o mesmo que um homem, aqui em Gilead. (ATWOOD, 2019, p. 272)

Os dois casos, tanto de o Offred quanto o de Becka, assim como toda a hierarquização das castas ditas femininas, tornam explícita a *opressão de gênero e suas interseccionalidades*, uma vez que, mesmo tendo divergências de recortes, também apresentam convergências no lugar subalterno que lhes é imposto, especialmente no que se refere ao abuso sexual, psicológico e patrimonial. No entanto, essas duas cenas ainda se diferem entre si e é nesse aspecto díspar que pretendo aprofundar minha análise nas linhas seguintes, por trazer consigo o principal ponto que esse trabalho se propõe a movimentar: a linguagem em sua dominação e insurreição e, também, a relação existente entre realidade e linguagem.

O principal ponto de virada na comparação entre as duas situações não está em suas diferentes posições sociais, e sim no fato de que Offred, por mais que diga ao leitor que em Gilead o termo *estupro* não exista, uma vez que o ato foi institucionalizado, ainda faz menção à essa palavra por saber seu significado e identificar que, naquele momento, ela está sim sendo estuprada (mesmo que o nome disso tenha sido mudado). Já Becka não tem o mesmo repertório: diferentemente de Offred, Becka nasceu em Gilead, em um ambiente em que todo abuso, inclusive o estupro, passou por um processo de *normalização*, tornando impossível qualquer menção a tais termos, justamente por não carregar consigo um histórico diferente do que já conhece, de outro *contexto ou memória social* em que isso existia e recebia tais nomenclaturas. O que não diminui de forma alguma a realidade vivida por Becka, mas dificulta ainda mais o ato de *falar* sobre, de romper a lógica do silenciamento. De um *não-dito*, que na verdade diz, grita e ecoa muito.

Nas palavras de Foucault, em *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as *interdições* que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o *desejo* e com o *poder*.” (FOUCAULT, 2019, p. 10). Em outros termos, a linguagem bem como nas diversas formas em que é manipulada por quem a concretiza (sujeito do discurso), acaba por revelar não só o processo de instauração de estruturas excludentes, mas torna nítido que é através de escolhas discursivas e gestuais que também se revela

como *dominação*, relacionando-se mútua e simultaneamente com o *desejo de subjugar e inferiorizar outros corpos e individualidades*, na tentativa de reduzi-los a objetos, retirando deles sua humanidade. Dessa forma, o autor traz à tona o conceito de *não-dito*, que pode ser compreendido como um *Silenciamento* ou *Omissão* que tem por objetivo o “não se posicionar” e a censura. O que por si só já revela um posicionamento bastante demarcado e com consequências reais para indivíduos de outros recortes sociais.

Portanto, conseguimos observar de perto que a realidade e a linguagem se compõem mutuamente, pois mesmo que a mudança ou a extinção de um termo não faça com que o fato relacionado a ele também deixe de existir e se materializar, isto é, que a concretude de um fato não dependa da nomenclatura que ele recebe ou não, essa mudança ainda sim modifica os valores atribuídos a essa ação, ou seja, ao objeto concreto o qual esse termo se relaciona e, por conseguinte, modifica também o *status* desse ato na sociedade. Quando Gilead decide mudar o termo “estupro” para “Cerimônia”, por exemplo, ainda que o ato não esteja sendo extinto, a forma com que as pessoas dessa sociedade o veem, referem-se a ele e o chamam é sim modificado, pois a realidade não diz respeito apenas à ação em si, mas também tudo que a engloba, todos os valores e as crenças relacionados à ela. Fica evidente, também, o quanto a linguagem pode servir simultaneamente como ferramenta para opressão e para insurreição, já que é amplamente manipulável, a depender do contexto, por quem e com qual objetivo é concretizada.

Quando Offred narra que abaixo de sua saia o Comandante está *fodendo*, e que “O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo [e que] Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto suas pessoas e *apenas uma está envolvida*.” (ATWOOD, 2017, p. 115, grifo meu), ou quando Becka descreve o nojo que sente sobre “[...] aquela sensação horrível. *Molhada*.” (ATWOOD, 2019, p. 195, grifo meu), ou ainda a *conjugação no presente do verbo odiar*, além de toda a forma de linguagem corporal no emagrecer abrupto e mudanças de comportamento, torna-se nítida a mensagem que isso comunica e ao que se refere, mesmo que o receptor dessa mensagem (a sociedade de Gilead) tenda a fingir que isso não ocorra e procure fechar olhos e ouvidos para tais horrores normalizados.

Sendo assim, ao passo que vimos o quanto a linguagem consegue ser manipulável para privilegiar certos grupos e impedir a manutenção do poder, através da dominância espacial, arquitetônica, de gestos, comportamentos, pensamentos,

palavras, leituras e escritas, reitero que a linguagem também tem seu caráter de insurreição quando utilizada para se contrapor à dominação: como no ato de ler e escrever às escondidas, de repassar informações, e até em ações mais sutis, como uma troca de olhares mais demorado, um aperto de mão, ou o ato pessoal de identificar um abuso, mesmo que no mundo externo a sua denúncia seja quase completamente inviabilizada. Ou ainda, a insurgência da linguagem no próprio ato das Aias notarem sua humanidade que, ao reafirmarem internamente que apesar de tudo ainda pertencem à si mesmas, torna-se *algo tão incendiário quanto a chama de qualquer Revolução*. E arrisco dizer: talvez de uma até mais poderosa e mais difícil de ser contida. Uma Revolução transcendente, que começa dentro de si a partir de sua *alteridade*<sup>23</sup> e sua afirmação enquanto pessoa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprendemos a sussurrar quase que sem qualquer ruído. Na quase escuridão podíamos esticar nossos braços, quando as Tias não estavam olhando, e tocar a mão uma das outras sobre o espaço. Aprendemos a ler lábios, nossas cabeças deitadas coladas às camas, viradas para o lado, observando a boca uma das outras. *Dessa maneira trocávamos nomes, de cama em cama: Alma. Janine. Dolores. Moira. June.*

(ATWOOD, 2017, p. 12, grifo meu)

Quando nos dispomos ao exercício ativo de enxergar atentamente os traços de semelhança da obra com o mundo real, conseguimos, para além de uma leitura mais aprofundada da narrativa sobre Gilead e as personagens, também ter uma leitura muito mais crítica sobre a sociedade em que vivemos e seus marcos históricos. Nessa comparação atenta é possível notar pontos extremamente preciosos de compreensão, como: a) a queima de livros e a monopolização da escrita, que acaba por ser recorrente tanto em Gilead quanto em todos os regimes autoritários existentes; b) a padronização de roupas e a tentativa de desumanizar pessoas, ao tirarem/substituírem seus nomes por outros ou por números, como no caso do Holocausto (1933 - 1945) e nos campos de concentração pertencentes a esse período; c) a alta frequência de discursos reacionários e bem como a enorme censura de liberdade de expressão, a exemplo da Ditadura Militar no Brasil (1964 - 1985); e d) a semelhança histórica entre a casta de Não-Mulheres de Gilead com o fato de que

---

<sup>23</sup> Fala-se da delimitação/percepção do que é o Eu e o que é o Outro: um processo de autodescoberta e empoderamento consigo mesmo, entendendo-se como alguém singular e único em sua trajetória.

foi apenas na Conferência de Direitos Humanos, realizada em Viena no ano de 1993, que os direitos das mulheres passaram a ser considerados como direitos humanos perante a lei, ou seja, somente a partir desse momento é que a violência contra a mulher foi vista como uma violência direcionada a outro ser também constituído de humanidade.

Ainda, não precisando ir muito longe nas décadas de análise, podemos notar que nos últimos 6 anos houve uma crescente supressão de direitos, especialmente para o recorte social de pessoas que menstruam e demais integrantes da comunidade LGBTQIAP+, como no caso dos Estados Unidos da América na candidatura de Donald Trump, em que várias medidas foram executadas, como a deportação de um número expressivo de imigrantes e a assinatura de uma ordem executiva, conhecida como *Lei da Mordaça Global*, que passou a impedir o repasse de verba à ONG's internacionais por realizarem abortos seguros e informar sobre o tema<sup>24</sup>, e que inclusive foi o que incentivou a autora a escrever *Os Testamentos*, pois segundo ela própria

[...] as circunstâncias mudaram. Tudo que pensávamos não ser mais verdade... me motivaram a escrever. Da mesma forma que a chegada dos anos 80 deu início a *O Conto da Aia*, isso porque tudo começou a [voltar] acontecer de outra maneira<sup>25</sup>

Exemplos não faltam, sendo possível traçar outras infinitas comparações com o mundo real, como a morte de Mahsa Amini, que acabou por falecer em 17 de setembro de 2022 no Irã, após ser golpeada na cabeça por policiais sob alegação de supostamente não estar usando adequadamente o *hijab*, véu obrigatório a ser utilizado por mulheres no local; ou ainda a candidatura de Jair Messias Bolsonaro no Brasil (entre os anos de 2018 e 2022), que se valeu de inúmeros discursos vinculados à uma perspectiva ideológica-cristã específica, a fim de direcionar comportamentos, leis e performatividades de sexo e de gênero.

Para concluir, destaco as considerações finais dos três eixos que esse trabalho se propôs a analisar. Assim, é possível concluir que *a linguagem pode ser utilizada tanto como ferramenta de opressão quanto de insurreição e que realidade e a*

<sup>24</sup> Conjunto de declarações realizadas por Donald Trump durante seu mandato, em matéria pela BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37921156>

<sup>25</sup> Comentário explicativo da autora sobre o processo de escrita de *Os Testamentos* e sua motivação a partir do cenário político que os EUA vivenciavam nesse período: <https://www.youtube.com/watch?v=ZE12hrWMA3w>

*linguagem se compõem mutuamente*, já que ainda que um fato não deixe de existir e ser concreto, a manipulação da linguagem com relação a ele modifica também a forma com que ele é assimilado, referido e, portanto, causa impacto na realidade, alterando suas crenças e valores. Bem como torna explícito que relações *de opressão conseguem ser complexas e, muitas vezes, interseccionais*, pois diferente da explicação simplista em que muito se acredita, existem posicionamentos que se sobrepõe e, logo, também se intercalam, exigindo uma análise aprofundada que considere recortes sociais de gênero, raça, classe, orientação sexual, expressão de gênero e quaisquer outros que auxiliem numa compreensão mais plural de vivências singulares entre si. E por último, podemos concluir que o universo exposto em *O Conto da Aia* é irrevogavelmente *verossímil com a realidade*, porque além de ter por base acontecimentos históricos, como menciona a própria autora nas entrevistas já citadas, ainda, apresenta um teor atual enorme quando analisamos as manchetes diárias de jornais e noticiários, por exemplo, além de também ser uma ferramenta de mudança social, tanto para o presente quanto para o futuro, através da reflexão crítica de sua leitura.

Ainda, devo dizer que apesar desta seção ter por título “considerações finais”, este não é, e acredito que nunca será, um ponto final. Nem nesta análise nem em tantas outras que estão presentes no campo da literatura distópica e nos estudos de gênero. Ao contrário, trago aqui considerações resultantes de dois anos de uma pesquisa que, antes de tudo, propõe questionar e abrir diálogos.

No primeiro capítulo, de introdução, mencionei que escrever e ler a si mesmo era um trabalho difícil e extenso, tão longo a ponto de durar uma vida toda. E não vejo momento mais propício do que este para reafirmar essa passagem: penso que enquanto escrevo estas linhas finais, estou também abrindo novos parágrafos de reflexão sobre minha própria *Escrevivência*<sup>26</sup>, e espero também instigar quem chegou até aqui a repensar sua própria forma de viver, não só em sua individualidade, mas sobre até que ponto estamos engajados de forma coletiva a compor as mudanças concretas que desejamos, para que mais pessoas consigam ter pleno domínio de seus corpos e direitos. Portanto, essa escrita chega ao fim dizendo que a Revolução que queremos passa, antes de tudo, por analisarmos nossa própria realidade e irmos

---

<sup>26</sup> Reafirmando o conceito criado por Conceição Evaristo.

ao encontro da potência que habita em nossa própria voz, e nas palavras de Clarice Lispector, que disse “Porque há direito ao grito. Então eu grito.” (LISPECTOR, p. 13), ainda acrescento: que todas nós possamos não só gritar, mas *ecoar* e *libertar*, subvertendo tempo, espaço e amarras, seja através da linguagem ou de qualquer outra ferramenta.

## 7 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997. p. 45 - 78.

ATWOOD, Margaret. *Os Testamentos*. Trad. Simone Campos. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

ATWOOD, Margaret. *O Conto da Aia*. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. Brasília: Edunb, 1993.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997. p. 322 - 361.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Ed. Loyola, 2019.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da História. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais*. Rio de

Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 25 - 48.

GORDIN, Michael; TILLEY, Hellen; PRAKASH, Gyan. *Utopia/Dystopia: conditions of historical possibility*. Princeton University Press, 2010.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Prefácio à edição brasileira de Lola Aronovich. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 239 - 250.

LOURO, Guacira. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997. p. 443 - 481.

NUNES, Maria. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997. p. 482 - 509.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997. p. 578 - 606.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCALQUETTE, Rodrigo Arnoni. *História do direito: perspectivas histórico-constitucionais da relação entre estado e religião*. São Paulo: Atlas, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49 - 82.



WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.